

Da Impossibilidade de “Voltar” à América

Ensaio

Maria Teresa Lobo Castilho | Universidade do Porto, Portugal

Twain's [Adventures of Huckleberry Finn] is not just a story of nature but society, the society of mercantile, often urban central river where the great technological steamboats world, as do the Melvillean confidence men, the King and the Duke, exploiting innocence for gain.

Richard Ruland and Malcolm Bradbury,
From Puritanism to Postmodernism

Em *The Pilot and the Passenger: Essays on Literature, Technology and Culture in The United States*, Leo Marx mais uma vez sublinha o que para muitos americanistas que lançaram os alicerces da moldura crítica que envolveu, e envolve ainda, *Adventures of Huckleberry Finn* é uma leitura inquestionável: “*Adventures of Huckleberry Finn* is, among other things, the fulfilment of a powerful pastoral impulse” (20). Mas se, como Leo Marx prossegue nessa avaliação, “probably no one needs to be told that” (20), a mim interessa-me uma outra leitura que partindo desta mais canónica passa para lá dessa moldura crítica, não me atendo, eu, a um entendimento de *Adventures of Huckleberry Finn* como predominantemente “a pastoral fiction that looks back nostalgically to an earlier and simpler America” (20).

Richard Gary, em *A History of American Literature*, considera a obra ficcional de Twain como um todo e sublinha:

[Twain] had begun with a belief in human nature, its essential innocence, and the rider, the related belief that this innocence could be resurrected in America – that, in short, the American Adam is possible. He ended by calling the human race ‘damned’ for its irreversible servility to system and surface, and by regarding the American project as a futile, absurd one: his spokesperson was no longer an American Adam, like Huck, but a cynical outsider who observes humankind with a mixture of desperate laughter and contempt – like Pudd’nhead Wilson, or Satan in *The Mysterious Stranger*. (256, 257)

Citação

Maria Teresa Lobo Castilho, “Da Impossibilidade de ‘Voltar’ à América.” *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos/An Anglo-American Studies Journal* 2.^a ser.1 (2008): 155-163. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>.

Porém, se Richard Gray considera e coloca *Adventures of Huckleberry Finn* ainda e só na primeira parte deste percurso, eu, pelo meu lado, vejo antes este romance como ponto de viragem na tomada de consciência acerca de um momento na história americana “when a sense of humanity and individuality was lost with terrible consequences for the nation”, diz-nos o estudioso (Gray 255).

É no rio que Huck é submetido a uma série de aventuras picarescas, que o levam a uma simultânea aprendizagem e desaprendizagem. Enquanto observa e vive na jangada, Huck aprende a ouvir a sua própria consciência que vai desabrochando, o que inevitavelmente implica a desaprendizagem da moral de Miss Watson; processo conduzido pelo rio, por uma corrente ininterrupta que o faz mover-se, viajar.

A viagem conduzida pelo Mississippi tem sido ponto de partida para muitas reflexões sobre este “Bildungsroman”. Leo Marx considera mesmo que qualquer tomada de posição deverá começar pela questionação do seu significado (“Samuel Clemens” 329), enquanto, pelo seu lado, Bruce King defende que a sua importância não deverá ser somente considerada em termos estruturais, mas deverá ser ainda encarada como a americanização da tradicional alegoria, presente na literatura europeia, da peregrinação da alma pelo mundo, orientada numa nova direcção (110). Mas esta viagem afastará Huck da sociedade de Miss Watson para a da jangada, onde uma “comunidade de santos”, nas palavras de Trilling (104), é ensombrada pela presença de dois indivíduos vindos da margem, da sociedade – o Rei e o Duque –, marcados pela hipocrisia e maldade do Sul num novo continente em busca da utopia. Trata-se, assim, de uma viagem que levará Huck do estabelecido, do cruel, da civilização de Miss Watson, de tudo o que reprime para o desconhecido, não civilizado, e que por ser novo é simultaneamente excitante; uma fuga de tudo o que está afinal consubstanciado no Pap Finn para ir em busca de um novo mundo, ficando o leitor diante da (re)interpretação de um velho elemento – a viagem – orientada para um novo significado, para uma nova realidade – a América; lugar idílico e adâmico. Mas trata-se também de uma viagem que não se conclui com o movimento de um mundo para outro, mas que, pelo contrário, continua dentro do novo estatuto alcançado por Huck. E é nesse continuar, no movimento conduzido pelo rio e que parece ser impossível de ser travado, direi mesmo na necessidade premente de ir mais além, imposta por acontecimentos que inquietam Huck e Jim, quer inicialmente na Ilha de

Jackson, quer no curso do Mississippi, que a aprendizagem se coloca e se torna lícito ouvir Leo Marx e com ele falar em “iniciação”.

Na jangada, no seu deslizar, o narrador autodiegético escolhido por Mark Twain submete-se a uma experiência que o leva a apr(e)ender o real, que se vai revelando cada vez mais cruel aos seus olhos, o que inevitavelmente o conduz ao repúdio de uma consciência (de)formada pelo social, pelo estabelecido, para em troca abraçar somente a sua: “All right, then, I’ll go to hell” (Clemens 169). Rasgar a carta que devolveria Jim a Miss Watson e a decisão de ir para o Inferno é o clímax e simultâneo desenlace de um conflito entre duas consciências morais. Este conflito instala-se em Huck a partir do momento (capítulo XVI) em que repentinamente aquele se começa a sentir num estado de inquietação motivado pela tomada de consciência de que está a auxiliar um negro a libertar-se do seu estatuto de escravo, o que constitui matéria de pecado por ser um crime na visão moral e religiosa imposta pela educação em casa de Miss Watson. Até esta tomada de consciência, Huck vê a sua fuga identificada com a de Jim, tudo se põe em termos de liberdade e é por isso que diz a Jim: “‘Git up and hump yourself Jim! There ain’t a minute to lose. They’re after us!” (Clemens 54 – itálico meu). Na verdade, como Leo Marx sublinha, ninguém virá à Ilha em busca de Huck, uma vez que, à excepção de Jim, ninguém sabe que ele está vivo, mas apesar disso a primeira pessoa do plural é utilizada (*The Pilot* 430).

Com efeito, é a partir deste momento que o sentimento de amizade e solidariedade humana começa a manifestar-se e a desenvolver-se em Huck, o que irá dominar com frequência a sua consciência que aprende a ouvir e a qual se opõe à que ele adquirira em consequência da “formação” dada pela sociedade que acabará finalmente por parecer querer repudiar. É esta consciência, orientada para valores individuais, tão distante daquela a que Huck continua vinculado (e a prová-lo a necessidade de seguir um modelo que é Tom e a conclusão de que irá para o Inferno) que Jim espicaça, inquieta, sem contudo o saber:

‘Pooty soon I’ll be a-shout’n for joy, en I’ll say, it’s all on accounts o’Huck; I’s a free man, en I couldn’t ever ben free ef it hadn’ ben for Huck; Huck done it. Jim won’t ever forgit you, Huck; you’s de bes’ fren’ Jim’s ever had; en you’s de *only* fren’ ole Jim’s got now.’ (Clemens 74)

O conflito entre duas consciências morais agrava-se no momento em que Jim evidencia o valor da amizade. Huck inquieta-se perante o facto de o escravo de Miss Watson o considerar como seu único amigo, uma vez que ele sabe que para agir “correctamente” não poderá continuar a ajudá-lo.

Para desenvolver este tema da amizade profunda e pura que liga os indivíduos, Mark Twain opta por um negro e um branco, escolha significativa se atendermos ao facto de, e apesar da data de publicação do romance, a acção decorrer no período anterior à Guerra Civil, numa América que negava qualquer possibilidade de lugar ao negro e que julgava como crime toda a ajuda dada a um escravo em fuga. Mas a jangada é o local onde Huck e Jim, uma comunidade à parte da sociedade, habitam. Ela ignora as características de raça e acaba por converter estes dois seres humanos em apenas dois indivíduos ligados por fortes laços de amizade. Na jangada, Huck e Jim estão fora da civilização, da sociedade que impede os sentimentos mais puros e desinteressados que nos ligam. Ai não há lugar para a moral esclavagista de Miss Watson, nem tão pouco para o mundo de fantasias de Tom. A jangada parece purificar os que têm condições para serem recuperados e é por isso que o Rei e o Duque nunca farão parte da comunidade a que Huck e Jim pertencem:

They went off, and I got aboard the raft, feeling bad and low, because I knowed very well I had done wrong, and I see it warn't no use for me to try to learn to do right; a body that don't get *started* right when he's little, ain't got no show – when the pinch comes there ain't nothing to back him up and keep him to his work, and so he gets beat. Then I thought a minute, and says to myself, hold on, - s'pose you'd a done right and give Jim up; would you felt better than what you do now? No, says I, I'd feel bad – I'd feel just the same way I do now. Well, then, says I, what's the use you leaning to do right, when it's troublesome to do right and ain't no trouble to do wrong, and the wages is just the same? I was stuck. I couldn't answer that. So I reckoned I wouldn't bother no more about it, but after this always do whichever come handiest at the time. (Clemens 76)

E aqui reside o irónico da situação: Huck age “correctamente” (de acordo com a sua consciência) enquanto o que faz está “errado” (na visão da sociedade). Assim será até ao reingresso na sociedade de Tom, onde o conflito de consciências se reacende e a submissão ao menino burguês torna a ganhar terreno, uma vez que os valores sociais de novo submetem os individuais. Por outro lado, o Rei e o Duque, indivíduos nascidos e formados no seio de uma sociedade em que a violência, a desigualdade de raças, a hipocrisia e a mentira dominam, não sofrem os efeitos benéficos da jangada. É que afinal eles são a própria sociedade e portanto não podem afastar-se dela. A vida ao lado destes dois trapaceiros, episódios como a luta entre os Grangerfords e os Shepherdsons, a descoberta da semelhança entre o que se aprende na “Sunday School” e o mundo das fantasias de Tom, o assassinato de Boggs, a amotinação do povo para o linchamento, em suma a margem, constituem

parte da experiência que acentuará o conhecimento do egoísmo, da maldade, da covardia humana numa sociedade onde todos desempenham um papel e uma função social. Como Richard Gray sublinha, em sociedade “everyone behaves like an actor, who has certain lines to say, clothes to wear, things to do, rather than as an independent individual” (254).

A experiência de Huck como um todo, tão necessária à sua (re)educação, é, assim, conduzida por um deus, por uma força que domina o próprio Huck. O rio funciona como um deus que vai influenciando e purificando o herói, conduzindo a sua aprendizagem humana. Mas o Mississippi acaba por afastar a jangada do caminho a seguir para chegar a Cairo, o que não estava nos planos de Huck e Jim e que contribui para que o rio, como elemento mitológico ligado à fecundidade, cumpra, também aqui em *Adventures of Huckleberry Finn*, essa missão ao enriquecer aqueles que se lhe entregam, pois que no rio Huck aprende o que lhe seria impossível aprender em sociedade. O Mississippi, e com ele a jangada, é apresentado como um mundo acolhedor e idílico, pelo qual Huck, bem como Mark Twain, se apaixona. Um mundo onde a sociedade e a civilização do menino Tom não conseguem chegar, a ponto de ser possível a Huck e Jim estar sempre, ou quase sempre, nus, isto é, despidos de “roupas” impostas pela civilização, num verdadeiro estado adâmico. Na verdade, o rio, e com ele o que o envolve, é muitas vezes um local de encantamento em oposição à margem, o que leva Huck a enlevar-se e a tentar transmitir o quão maravilhoso é viver numa jangada:

Sometimes we'd have that whole river all to ourselves for the longest time. Yonder was the banks and the islands, across the water; and maybe a spark – which was a candle in a cabin window – and sometimes on the water you could see a spark or two – on a raft or a scow, you know; and maybe you could hear a fiddle or a song coming over from one of them crafts. It's lovely to live on a raft. You had the sky, up there, all speckled with stars, and we used to lay on our backs and look up at them, and discuss about whether they was made, or only just happened – Jim he allowed they was made, but I allowed they happened; I judged it would have took too long to *make* so many. Jim said the Moon could a *laid* them; well, that looked kind of reasonable, so I didn't say nothing against it, because I've seen a frog lay most as many, so of course it could be done. We used to watch the stars that fell to, and see them streak down. Jim allowed they'd got spoiled and was hove out of the nest. (Clemens 97)

Esta é, sem dúvida, uma descrição idílica, dominada por imagens que transmitem a tentativa de compreensão do mistério do Universo, onde a pureza da natureza de que o rio faz parte, mas de onde se destaca, parece

lavar Huck de todo o sangue que a rixa entre Grangerfords e Shepherdsos fizera derramar o que poderia acabar por macular a inocência do jovem rapaz. Aliás, esta função do rio como local de retorno à pureza, à liberdade imaculada, está bem visível quer nas últimas frases do capítulo XVIII quando a jangada – continuação do rio – é considerada como o melhor “habitat”, quer, sobretudo, na bela descrição que abre o capítulo XIX.

Nesta descrição a solidão do rio é acentuada. Porém esta solidão é bem diferente daquela que Huck sentia enquanto na companhia de Miss Watson – “I felt so lonesome I most wished I was dead” (Clemens 9). Como faz notar Paul Schacht, a solidão vivida enquanto no rio já não é penosa como anteriormente o foi na companhia de Miss Watson (189-201). Trata-se, agora, de uma “lonesomeness” deliciosa, que vale a pena ser saboreada, aliás como o próprio texto a saboreia, porque Huck já não se sente isolado, uma vez que com Jim ele experimenta uma forte e pura relação humana. É então assim que o que poderia ser penoso se transforma em objecto de contemplação e prazer. Mas o rio é também perigoso e conduz igualmente ao desconhecido, ao inesperado, aos bancos de areia, às tempestades, aos nevoeiros e isto porque o rio-divindade, utilizando as palavras de Lionel Trilling, não possui somente o que é favorável. A viagem conduzida pelo rio acaba por levar a momentos disfóricos, pessimismo e desilusão, o que também faz parte da “iniciação” de Huck.

Lionel Trilling afirma que “Huckleberry Finn is a great book because it is about a god-about, that is, a power which seems to have a mind and a will of its own, and which to men of moral imagination appears to embody a great moral idea” (Trilling 103). Mas parece-me, contudo, que este livro não é sobre um deus, mas sim sobre tudo o que fundamentalmente nos engloba como seres humanos, Europeus ou Americanos. Por isso estou em total concordância com Dean Morgan Schmitter quando este fez notar, já em 1960, que “Huck and Jim are world figures, not American alone” (4).

E se assim penso não é porque me sinta intimidada pelo aviso que abre *Adventures of Huckleberry Finn*, de que “persons attempting to find a motive in this narrative will be prosecuted; persons attempting to find a moral in it will be banished; persons attempting to find a plot in it be shot”, mas porque *Adventures of Huckleberry Finn* é, de facto, um grande livro sobre figuras universais em geral, não nego, mas também sobre uma viagem a que os americanos estão ligados, em particular. Assim, não ignoro e acentuo até o final da frase de Schmitter “not American alone”, mas, acrescento e sublinho, “American” sobretudo. É que à medida que o romance evolui vamos assistindo à aprendizagem e simultânea desilusão de Huck num

espaço (edênico e pastoril, é inegável) que Twain na abertura do livro quis deixar claro ser o americano e mais concretamente o da Fronteira – “Scene: The Mississippi”. Mas à medida que o romance se desenrola vamos assistindo também às problematizações que Mark Twain, através do seu “autor implícito”, vai fazendo em torno das conclusões inocentes a que Huck chega até à sua decisão final de ir para o “Território”, querendo regressar aí ao lugar de inocência que no rio e na jangada conheceu.

Está já claro que não abandono em *Adventures of Huckleberry Finn* o reconhecimento de uma visão pastoril e edénica que acentua o mundo de inocência em que Huck se move como alheio à sociedade, rumo ao progresso e aos modelos urbanos que se erguiam entusiasticamente nos finais do século XIX. Porém, defendo que uma leitura que vá mais até ao limite de leitura possível encontrará o que Randall Knoper refere em “‘Away from Home and Among Strangers’: Domestic Sphere, Public Arena and *Huckleberry Finn*”: “Despite Mark Twain’s situating the story ‘four to fifty years ago’ and in a rural river valley, *Adventures of Huckleberry Finn* closely engaged daily dilemmas and concerns of a Northern, urban, middle-class audience” (125).

Na verdade, a decisão final de Huck de fugir para o “Território” e permanecer em viagem num estatuto a-social, continuando, assim, em busca da utopia, da sua “América”, não é, a meu ver, a (re)afirmação de um passado pastoril e edénico que nostalgicamente, desse modo, Twain parece contemplar e celebrar. O que defendo é que, como – ao ter a data de publicação do romance em conta – com muita pertinência Randal Knoper refere, “Mark Twain sets up his territory in this novel with topographical correspondence to the urban landscape, dividing it up in terms similar to the Northern middle class’s divisions of the city into the comforts of home and the public, the female and the male, sectors of truth and of dissimulation” (138). É deste modo que emerge assim do final de *Adventures of Huckleberry Finn* um “autor implícito” carregado de ironia que acaba por negar a Huck a possibilidade, em 1884, já esboroada e perdida, da inocência do lugar, negando-lhe também assim, a viagem de regresso à sua “América”.

Com Twain em *Adventures of Huckleberry Finn* acontece, afinal, o que Richard Gray nos diz acerca de muitos escritores americanos e que, a meu ver, coloca este romance na viragem de um percurso que o escritor fez e iniciou com uma visão edénica e de inocência em torno da América, mas que o tempo e o avanço da história no pós-Guerra Civil acabou por negar:

The nostalgic utopianism that characterizes so many American cultural forms has impelled numerous writers and artists to look back in longing, and to see some

moment in the national history as the time the nation crossed the threshold from innocence to experience. (Gray 257) ■

Obras Citadas

- Bradley, Sculley et al., eds. *Adventures of Huckleberry Finn*. By Samuel Langhorne Clemens. New York: W.W. Norton & Company, 1977.
- Clemens, Samuel Langhorne [Mark Twain]. *The Adventures of Huckleberry Finn*. Ed. Sculley Bradley et al. Rev. Thomas Cooley. New York: W. W. Norton & Company, 1977.
- Gray, Richard. *A History of American Literature*. Oxford: Blackwell Publishers, 2004.
- King, Bruce. "Huckleberry Finn." *Mark Twain: Collection of Criticism*. Ed. Dean Morgan Schmitter. New York: McGraw-Hill, 1974. 110-116.
- Knoper, Randall. "'Away from Home and Amongst Strangers': Domestic Sphere, Public Arena and *Huckleberry Finn*." *Prospects* 14 (1989): 125-40.
- Marx, Leo. "Samuel Clemens: *Adventures of Huckleberry Finn*." *The American Scholar* 22.4 (Autumn 1953): 329-423.
- . *The Pilot and the Passenger: Essays on Literature, Technology and Culture in the United States*. New York: Oxford UP, 1988.
- Ruland, Richard and Bradbury, Malcolm. *From Puritanism to Postmodernism: A History of American Literature*. Harmondsworth: Penguin Books, 1992.
- Schacht, Paul. "The Lonesomeness of Huckleberry Finn." *American Literature*, 53.2 (May 1981): 189-201.
- Schmitter, Dean Morgan, ed. *Mark Twain: A Collection of Criticism*. New York: McGraw-Hill Boo Company, 1974.
- Trilling, Lionel. *The Liberal Imagination: Essays on Literature and Society*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1979.